

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

Elogio histórico dos sócios

**Des. Luis da Costa Ribeiro
e
Dom Antonio Maria Malan**

(Discurso)

Cuiabá
Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso
Anno XIII e XIV — Números XXV a XXVII
1931 e 1932

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Meus distinctos consócios:

Duas perdas sensíveis representam para o nosso Instituto os fallecimentos occorridos a 11 de maio, nesta cidade, e a 28 de outubro, do anno passado sem. Paulo, dos saudosos confrades desembargador Luis da Costa Ribeiro e d. Antonio Maria Malan, bispo de Petrolina, o primeiro sócio effectivo e o segundo correspondente, ambos admittidos na seção de 1º de janeiro de 1919.

Em cumprimento ao dever que me é imposto pelo art. 22 dos Estatutos sociaes, na qualidade de Orador do Instituto, passo a fazer o elogio histórico dos illustres extinctos, ambos os quaes muito deve a terra mattogrossense pelos trabalhos profícuos e dedicados que empenharam, por longos annos, a prol do seu progredimento.

Costa Ribeiro

Luis da Costa Ribeiro, terceiro do mesmo nome, nasceu em Poconé, a 16 de dezembro de 1858, filho do diamantinense Luis da Costa Ribeiro e d. Anna Joaquina de Arruda, poconeana. Ascende-lhe a estirpe, das mais egrégias, pelo lado paterno, a André Alves da Cunha, português, do Carvalho de Coura, cujo nome figura como um dos fundadores de S. Pedro del Rey, de que foi o 1º juiz ordinário e guarda-mór, nos fins do século XVIII e, pela linha materna, os Arrudas e Sá, dos primitivos povoadores de Matto-Grosso.

De tão illustres antepassados herdou o nosso digno confrade essa linha de fidalguia que sempre o collocou em um nível de superioridade no meio em que viveu, vincando-o com esse *quid* imponderável de aristocracia que isola, quer ou não, certos espíritos da contaminação do plebeísmo crescente e invasor.

Costa Ribeiro, apostolo da democracia, foi sempre um aristocrata nas maneiras, na linha de acção, no seu todo cavalheiro irreprochável de superior elegância moral. Nunca se barateou nem cortejou a popularidade, no que demonstrou pertencer a esse patriciado intelectual que, nestas eras de decadência, representa ainda a velha guarda da nobreza, que não desapareceu de todo. Iniciou-se-lhe a formação mental no Seminário Diocesano de Cuyabá, donde se transportou, ainda adolescente, para o Collegio Köpke de Petrópolis, em que se conservou até que, fallecido o seu velho pae, á mingua de recursos, teve de matricular-se nas aulas gratuitas do Mosteiro de S. Bento, auxiliado pela philantropia dos commerciantes do Rio, Valença, Magalhães & Cia. Em 1877, lograra, a muita força de vontade, concluir os preparatórios e ingressar na tradicional Faculdade de Direito de S. Paulo.

O curso acadêmico que para muitos é um decorrer suave de róseos dias de despreocupação bohemia, foi para o estudante mattogrossense um exhaustivo labutar, pois como bem frisou um seu biographo, na “Revista Matto-Grosso” de janeiro de 1905, «viu-se o jovem Costa Ribeiro condemnado ás agruras de labores excessivos.» Ao mesmo tempo que leccionava no “Atheneu Paulistano”, trabalhava na imprensa, como encarregado da revisão da “Tribuna Liberal” e ainda lhe sobrava tempo para tachigraphar as prelecções da sua classe e collaborar em jornaes acadêmicos da época, como sejam “A Nova Aurora”, a “Matraca”, a “Republica”, o “Onze de Agosto” e a “Fraternidade Literária”.

Fundou com Manoel Escolástico, Joaquim Lafayette,

João Alves Cunha e João Nunes de Barros, o periódico “A Nova Geração”, que tinha por finalidade trabalhar pelos viciaes interesses de Matto-Grosso.

Pertenceu á brilhante geração acadêmica que deu ao Brasil um Eduardo Prado, um Theophilo Dias, um Julio de Castilhos, um Silva Jardim, um Raymundo Corrêa, um Julio de Mesquita, um Valentim Magalhães, entre os desaparecidos, e um Assis Brasil, um Guimarães Natal, um Affonso Celso, um Augusto de Lima, um Alfredo Bernardes, entre os sobreviventes.

As ephemerides dessa mocidade brilhante, que deveria fazer as grandes campanhas liberaes do abolicionismo e da Republica, ahi estão esparsas na imprensa e nas memórias contemporâneas e Valentim Magalhães, no seu interessante livro de chronicas “Quadros e contos” regista a figura do estudante mattogrossense em curioso instantâneo. Já no 5º anno, transferiu-se para Olinda, por haver sido commissionedo pelo Governo em Pernambuco, e ali concluiu o seu curso, collando grau a 3 de novembro de 1882. Formado, volve á terra natal, onde chega a 4 de janeiro de 1883, iniciando a sua carreira como advogado, junto com Francisco Agostinho Ribeiro, o hábil e talentoso provisionado que muito se destacou em nosso meio forense. Installaram o seu escritório á rua Antonio João n.4, conforme annuncio n’ ”O Espectador”, no qual declararam patrocinar gratuitamente as causas em favor da liberdade.

Logo a 24 de janeiro do anno seguinte alliava-se pelo casamento a uma prestigiosa família cuyabana — os Alves Corrêa — e ingressava na magistratura, primeiro como juiz municipal e de orphãos do termo de Santa Cruz de Corumbá (decreto de 12 de agosto de 1884), removido, depois, para o cargo de juiz substituto da comarca da capital (dec. de 31 de setembro de 1887), no qual foi reconduzido a 30 de agosto de 1888.

Exercera antes a auditoria de guerra — o primeiro cargo que occupara, por nomeação do barão de Batovy — e, quasi ao findar o antigo regime, em 1889, se habilitou ao provimento effectivo do cargo de juiz de direito, sendo nomeado, já na Republica, para a comarca de Livramento, por elle installada a 19 de março de 1890. Logo, porém, por se ter manifestado contra certas medidas governativas arbitrarias, foi afastado de suas funcções, passando a militar na politica, em que lhe seria dado prestar a Matto Grosso, na phase histórica da Constituinte, como deputado, os mais importantes serviços. Foi, ao lado de José Maria Metello e Manoel Murinho, o coordenador e colaborador assíduo na feitura de leis e regulamentos, nesse período por assim dizer de fundação do regime, de lançamento dos alicerces do Estado. Reorganizado o Tribunal da Relação, voltou ao seio da magistratura em cuja âmbito sereno e elevado se sentia melhor, mais de accordo com os pendores do seu espírito recto de jurista. Nova rajada politica veio, em 1905, afastál-o violentamente da sua curul de Juiz, forçando-o a pedir sua aposentadoria.

Propugnando por seu direito, em acção victoriosa em ambas as instancias, foi reintegrado no quadrienio D. Aquino e, logo em seguida como contasse mais de 30 annos de magistratura, aposentou-se, em março de 1921, cabendo-me a honra de substituí-lo. No interregno em que esteve afastado da judicatura, exerceu vários cargos, alguns de eleição popular, como o de deputado estadual na legislatura 1915-1916, agitada por tremendas borrascas partidárias. Chefiara a corrente liberal, que surgira em 1912, ao lado de Amarilio de Almeida e outros, oppondo ao governo um lábaro de reinvidicações e conquistas, infelizmente inatingidas. Em politica, de resto, a não ser na phase da Constituinte, em que se lhe ensejou propicia occasião de trabalhar pelo seu Estado, foi sempre um idealista, como soe acontecer aos homens impregnados de cultura jurídica ao tomarem contacto com a triste realidade dos

nossos costumes partidários. No governo Mario Corrêa, como membro da Assembléa Legislativa, collaborou na reforma constitucional e judiciária levadas a cabo em 1927 e 1928, continuando á testa da sua banca de advogado até a sua ultima enfermidade, que o prostrou para não mais se erguer.

Essa a vida publica do nosso saudoso consócio, pontilhada de nobres exemplos de trabalho, de independência e de patriotismo.

Como intellectual, innumeradas producções que nos legou, disseminadas pelo periodismo local, dizem bem alto do seu espírito de eleição, illuminado por sólida cultura humanista. Honraram-se de sua colaboração assídua “A Gazeta”, de Vital de Araújo, “O Matto-Grosso”, “A Colligação”, “O Debate”, a revista “Matto-Grosso”, de Cuyabá, “O Oásis”, por elle fundado, e “O Corumbaense”, da vizinha cidade, sem falar nos já citados jornaes da Paulicéa. Estudioso a serio dos phenomenos políticos e sociaes, jamais seria desses profissionais do partidarismo extremado, nem um desses jornalistas improvisados, em que a mingua de cultura e critério se compensa pela sobra de aggressividade e grosseria.

O seu primeiro trabalho publicado em volume é um índice eloqüente do feitiço do seu espírito: trata-se de umas “Considerações sobre os recursos da Província, seu futuro industrial, nossas finanças, nossos erros, necessidade de população e por consequente de uma lei que proteja a immigração”, seguidas do projecto offerecido á Assembléa provincial, em 1886, pela Directoria da “Sociedade Corumbaense de Imigração”. A leitura desse factum minutíssimo, escripto em linguagem notável franqueza, sugere-nos profundas meditações ainda na actualidade. Sinão, escutemol-o:

Si por um lado contemplamos estáticos e admiramos orgulhosos a elaboração da natureza pródiga da nossa Província, no seu conjuncto de riquezas e bellezas naturaes, por outro desanima-nos o estado apathico

e desconsolador das nossas finanças, *o qual é resultante não só dos erros* e falta de previdência dos nossos antepassados, como também da ruína e abandono da propriedade rural (ob. cit. pag. 7).

Que diria hoje o estigmatizador dos erros e falta de previdência, hoje que o estado de nossas finanças em vez de apathico simplesmente se tornou alarmante e impressionador ? Hoje que temos uma divida três vezes superior ás nossas possibilidades annuaes, todos os nossos problemas primaciaes de ensino, de assistência, de transportes, de viação, de policia, de justiça, de trabalho, — em estado embryonário, alguns mal começados e outros por principiar ?

Ao recompor-se a face politica e administrativa do Estado, com o advento da Republica, Costa Ribeiro traça em outro folheto “Actualidade politica — mensagem que ao povo mattogrossense dirige o Bacharel Luiz da Costa Ribeiro” — o quadro expressivo da situação. São 52 páginas candentes as desse noviciário republicano, um libello de todos os vícios arraigados na constituição do nosso povo e ao mesmo tempo um epinício de esperança e fé em nosso futuro. E como soam com a impressão de um verbo oracular, em meio desta nebulosa que ha quasi dois annos nos cerca, estas palavras profundas: «Não se trata de palavras, mas de obras; de proclamações sonoras, mas de estabelecimentos duráveis; de sentimentos, mas de instituições !»

E adiante, examinado, em parallelo flagrante, a anarchia que se seguiu em França á Revolução de 1789:

«Foi assim que, julgando consolidar a egualdade, fundaram apenas o peor dos despotismos, o despotismo da plebe».

E a propósito de certas tentativas que, então como agora, surgiram de diminuir e mesmo eliminar a autonomia de algumas unidades da Pátria, exclamava:

«Todos reclamam o seu lugar de Estados independentes e autonomicos da grande Federação Brasileira,

e ai de nós si assim não for: porque então seria mentir aos intuitos patrióticos da revolução de 15 de Novembro, que não é mais do que o resultado de tanto tempo de lucta para a aspiração universal do governo do povo e pelo povo».

A conclusão desse trabalho é uma eloqüente invocação a Matto Grosso que elle concita a acordar desse somno de 40 annos em que succumbias sob a pressão de enorme pesadelo.

Mais tarde, no exercício da advocacia, que elle jamais malbaratou, considerando-a sempre “*ars loni et aqui*” e o advogado — *vir bônus, júris peritus* — o vemos pleiteando desassombrado as boas causas, pregando a boa doutrina nos pretórios e á face dos governos violentos e arbitrários, e em acção memorável, que se pode dizer “abriu a picada” no assumpto, a de reparação movida como representante do seu collega Des. Ferreira Mendes, fazendo valer o principio sagrado da inviolabilidade dos direitos da magistratura diante das prepotências e excessos do poder. Valem repetidas, alto e bom som, nestas eras em que os heréticos negam essas verdades pacificamente proclamadas de longa data pela diceologia e consciência jurídica do país, estas palavras ha 25 annos proferidas pelo sacerdote do direito:

«Quando na porta do Pretório (o magistrado) despe-se de todas as aspirações legítimas, até mesmo as da representação politica que não se nega a qualquer outra classe de cidadãos, e de todas as vantagens que poderia auferir em outro qualquer meio de vida, simplesmente para satisfazer as exigências do cargo e manter illesa essa integridade necessária ao cumprimento de uma vocação natural, sem outra preocupação além da nobre funcção a que é incumbido desempenhar — não era licito deixar-se-lhe de assegurar, em termos expressivos e claros, a sua estabilidade e independência necessária para que, sem temor de violência e alheio a qualquer

outra recompensa, pudesse exercitar desassombradamente e com toda a integridade, a justiça na sociedade contra qualquer que seja».

A peça entretanto, em que o nosso pranteado consócio vasou, com maior profusão, os dotes variados do seu espírito de escol, foi, a meu ver, o discurso de pranyphado aos bacharéis de 1905, do Lyceu Salesiano, e que é, pode-se dizer, aquillo que o grande pensador Amiel chamaria o seu testamento intellectual.

Nella professa a sua fé inabalável na religião sagrada dos nossos maiores, dizendo não entender a educação «senão dentro dos preceitos do Evangelho»; proclama a sua confiança no trabalho «a grande alavanca social, a origem do bem estar das nações, a columna em que se apóia e firma a independência do homem»; expende a sua noção da família «com todas as exigências de sua majestade, com todo o vigor de sua pureza» e, sobretudo, reafirma a sua crença na grandeza de nossa terra, até ali «membro amputado da communhão brasileira», mas «já agora, quer avigorado pelo benéfico impulso de um doutrinamento moralizador e constante, quer pela extraordinária exuberancia de suas riquezas naturaes e da suprema dedicação de sus filhos, poderá estender os seus músculos possantes, desfazer os obstáculos que entorpecem-lhe os movimentos, essas cadeias de ódios que o opprimem no mais recôndito de sua alma e rebentar como si fossem teias de aranha esses grilhões que maniatam-lhe os pulsos».

Que Deus ouça e faça que se cumpram os votos do grande patriota, hoje devolvido ao seio maternal da terra, donde como nas formosas estrophes bilacuenas «vive e chora em seu pranto», para que possa, em vez de tremer e se estorcer ao vêl-a golpeada e insultada, pompear e exultar como uma flor, com o advento desejado dos seus dias felizes !

D. Malan

D. Malan, a cujo nome, como num toque de magia, ressurgue todo um vasto período de nosso passado, que elle parece encarnar em mais de um quarto de século, D. Malan, o heróico desbravador das selvas e das intelligências, o grande apostolo da Bororolândia, o fundador e primeiro director do Lyceu São Gonçalo, de Cuyabá, onde fruiu as lições da sciencia e os preceitos da moral a flor da geração contemporânea de nossa terra. D. Malan, que levou o nome do nosso Estado para além do Atlântico, trabalhando incessantemente pela catechese dos aborígines desde o mais ínvio recesso dos sertões ao esplendor dos salões parisienses. D. Malan, nome que epitóma toda uma vida de luctas e trabalhos, de grandes ideaes e realizações ainda maiores, — com que emoção desta tribuna me é dado evocar-lhe nesta hora a figura meiga do missionário casada á austera presença do preceptor, que conheci, vai por mais de três décadas, nos meus bons tempos preparatorianos ! Quantos dentre vós ouvistes, como eu, as lições, na cadeira de francês que professava, com desvelo e competência reconhecidamente proclamados ? Moço ainda, sua feição irradiava sympathia e as suas maneiras se impunham desde logo ao primeiro contacto e dahi o segredo do êxito que obtinha em todos os empreendimentos a que mettia ombros.

O P. Malan pouco mais teria que 30 annos quando, a 18 de junho de 1894, aportava a Cuyabá, destinado a tornar-se o cenário magnífico do seu grandioso apostolado. Nascido a 16 de dezembro de 1862, em S. Pedro, província de Cuneo, Piemonte, foram seus pais Nicola Malan e Margarida Viau. Depois de haver feito o seu estagio no exercito, entrou, a 23 de fevereiro de 1883, no Collegio Salesiano de Navarra, na França, ingressando para o noviciado em Marselha em outubro de 1884. Nessa mesma casa tomou o hábito sacerdotal a 15 de Agosto de 1885, pelas mãos do P. Paula Albera,

director do estabelecimento, professando os primeiros votos a 2 de outubro desse anno. Em dezembro de 1888 recebeu de Monsenhor João Cagliero, no oratório de Turim, as ordens menores, vindo, clérigo, para Montevidéu, onde se ordenou sub-diácono a 15 de julho de 1889, diácono a 27 e presbytero a 29 de outubro desse mesmo anno, em Villa Collon, officinando o mesmo Mons. Cagliero, que, na casa central, lhe conferira um anno antes as primeiras ordens.

Dali, dentro em breve, deveria D. Lasagna recrutál-o entre os pioneiros da novel Missão de Matto-Grosso, onde o receberiam e aos seus companheiros, em sinceras expansões de entusiasmo, o venerando prelado D. Carlos d'Amour, que com elles esperava compartilhar os árduos labores e responsabilidades, e o presidente do Estado, dr. Manoel Murтинho, cuja acuidade de visão lhe fizera entrever o alcance extraordinário da missão que se iniciava. E não desmentiram, antes sobejamente confirmaram, os votos dos que os foram receber, naquella manhan luminosa, nas acolhedoras ribas cuyabanas: foi, por primeiro, o Collegio S. Gonçalo, centro nuclear de irradiação sempre crescente, a expandir-se por todo o Estado, e, ao depois, as Colônias, admiráveis organizações de catechese, a se abrolharem pelos férteis valles do S. Lourenço, do Garças e do Barreiro, estendendo o raio de acção civilizadora até as longínquas plagas araguayanas.

A obra salesiana se iniciou com o “Oratório festivo S. Luis”, freqüentado desde logo por mais de duas centenas de meninos e a 1º de setembro de 1894 se installava o “Collegio S. Gonçalo” — nas dependências da matriz do mesmo nome no 2º districto. Com pouco, se fazia mister ampliar as installações do Collegio e o P. Malan promovia a aquisição de uma grande chácara, de propriedade da família Josétti, ao lado do morro da Prainha, que deitava um dos seus espigões até á Rua Nova dos Pescadores, sobranceando o córrego, que lhe

corria ao sopé. Feito o desaterro de parte da collina, para se abrir a communicacão pela travessa, foi ali, em 1896, lançado o alicerce do futuro Lyceu Salesiano de Artes e Officios. Funcionavam, a começo, as officinas em prédio aparte, mas em 1898, — tal a tenacidade e força de vontade do director — se inaugurava o novo estabelecimento, com todas as suas dependências.

A catechese se abriera com a “Colônia Teresa Christina”, ás margens do S. Lourenço, cujo mallogro, provocado pelo Governo, longe de arrefecer, estimulou as energias do inclito missionário, a quem estava destinado o mais relevante papel na historia da colonização dos nossos silvícolas.

Nova tentativa em 1900, patrocinada pelo grande seringueiro João Baptista de Almeida Filho, seguindo o P. Balzola com o Irmão Sylvio Milanesi para as inhospitas regiões do norte, até o Paranatinga e S. Manoel das Três Barras, sem resultado efficiente. A 28 de agosto de 1901 partia para Leste a primeira expedição de reconhecimento da zona até então perigosíssima pelas constantes incursões dos “bororos”.

Á testa dos novos bandeirantes da fé e da civilização ia o P. Malan, sendo os outros o destemeroso Balzola e o Irmão Gabet, acompanhando-os o inspector de linha Pedro Fernandes e dois camaradas. O curioso relato dessa viagem temol-o feito, em linguagem desataviada e impressiva, pelo próprio chefe da comitiva, P. Malan, em carta de 28 de outubro de 1901 ao Superior Geral da Congregação, documento de subido valor, histórico e psychológico, que não pode ignorar quem quer que se proponha a conhecer o que foi a grande obra salesiana no araxá matto-grossense. De volta a Cuyabá, faz o P. Malan partir, sem perda de tempo, a 17 de dezembro desse anno, a primeira leva de missionários, que, no anno seguinte, fundava a colônia “Sagrado Coração”, no Barreiro, núcleo de que, com pouco tempo, deveriam irradiar as outras — da “Immaculada”,

no Garças, de “S. José”, no Sangradouro e do Bariga-Jão.

Não descuidava o infatigável P. Malan, já a esse tempo Inspector da Missão, na sua omnimoda e providencial actividade, e em 1900 inaugurava-se o Observatório Dom Bosco, annexo ao Collegio S. Gonçalo, o qual por sua vez, em 1902, conseguia a equiparação ao Gymnasio Nacional, abrindo-se dest’arte, pode se dizer sem receio da mais leve contestação, a idade de ouro do ensino secundário em Matto-Grosso.

Novas casas vão surgindo da semente que o grande Lasagna plantara nos sertões do *hinterland* brasileiro e que o seu continuador deveria converter em arvore frondosa e acolhedora de todas as actividades: — a Escola Agrícola do Coxipó, o Collegio S. Teresa, de Corumbá, os educandários femininos, regidos pelas beneméritas Filhas de Maria Auxiliadora...

Dizer da obra agigantada de D. Malan, reviver, numa visão retrospectiva, a sua carreira, o mesmo fôra que descerrar aos nossos olhos todo um trintennio da historia mattogrossense, em suas paginas mais suggestivas. Relembrar-lhe a efficiente actuação, a operosidade sem par, quer como educador, quer como catechizador, quer sobretudo, como coordenador dessa admirável organização que é a Missão Salesiana de Matto-Grosso, de que foi o guia na phase mais difficil, que é justamente a inicial, vale desdobrar aos olhos dos observadores justos e imparciaes uma obra ingente de cultura, de progresso, de civilização que é o maior titulo de ufania de que podem orgulhar-se os filhos de Dom Bosco. Uma só dessas obras, uma parcella apenas de taes realizações, fôra bastante, num meio como este, inçado de difficuldades, e tropeços a cada passo, a sagrar, para sempre, o nome do seu auctor á memória e gratidão da posteridade.

Reconhecendo-lhe os innumerous serviços, galardoou-o a S. Sé, em 1914, com o titulo de Bispo de Amiso e Prelado do Registo do Araguaya, recebendo a sagração

a 15 de agosto desse anno, em São Paulo, das mãos do Núncio Apostólico Mons. José Aversa.

Toda uma década de trabalhos a prol da zona, cuja direção espiritual lhe fôra confiada, coroa a sua fecunda obra em nossa terra, na qual, seguindo as pegadas do immortal Frei José, deveria realizar o typo do “Bispo Missionário”, que, no dizer do nosso eminente Presidente,

*«Assim passou semeando ao longo dos palmares
Oragos e Villares,
Bem como o lavrador semeia a esmo o grão;
Do pátrio pavilhão mais uma fimbria bella
Elle desdobra, e nella
Dos Boróros acolhe a válida nação».*

Em 1924 era nomeado para o Bispado recém-creado de Petrolina, cabendo-lhe ainda desta vez a espinhosa e árdua tarefa de lançar os embasamentos da construcção espiritual e material da sua Diocese. E do seu labor apostólico diz, mais do que qualquer outro facto, a grandiosa Cathedral que, em cerca de um lustro, ergue os seus botaréis e agulhas para o céu, attestando, através dos tempos, a passagem pelo solio episcopal daquelle extraordinário luctador, varão de velha tempera, alma blindada no aço da resistência e da perseverança, que foi o 1º Bispo de Petrolina.

Si da sua obra vivida, passarmos á sua obra publicada — nas suas “cartas pastoraes”, nas suas “conferencias”, nos seus relatórios” e nas suas admiráveis epistolas particulares, em que se casam a linguagem franca e o mais elevado optimismo, veremos que o homem está todo nos seus escriptos.

No tom amistoso, cordial, paterno de suas pastoraes, instructivas e claras, transluzem as idéas, as maneiras, o próprio espírito do Prelado, sempre afeito, nas palestras intimas como nos documentos officiaes solemnes, a esse phraseado sincero dos que não tem refolhos na consciência.

Merecem citadas, como espelho fiel da sua affectividade, as palavras com que, na Pastoral de saudação aos seus diocesanos de Petrolina, em 1924, se dirige saudosamente aos seus amigos de Matto Grosso:

E a vós, caríssimos e saudosos Mattogrossenses, com que palavras dizer-vos o que nos vae na alma nesta hora em que nos dispomos a partir para tão longe, donde talvez não nos seja dado novo ensejo de tornar a ver ? Trinta annos de existência passaram-se velozes no vosso Estado, no meio de vós, trabalhando ao vosso lado, sentindo sempre nos dias risonhos e nos dias amargos, contacto amigo da vossa presença, compartilhando convosco as venturas, suavizando-vos as privações ! Do ínvio sertão de Leste, das queridas Colônias, da vossa Capital aurífera, da risonha e progressista Corumbá, das afastadas regiões do majestoso Araguaya, só levamos saudades fundas a evocarem recordações de certo immorredouras de amigos leaes e verdadeiros.

Ahi está, velado pelo melancólico pressentimento do próximo fim, todo o coração affectuoso do Prelado desabrolhando em florões de ternura para a sua segunda Pátria, para a terra que lhe mereceu os melhores carinhos e as mais assignaladas energias de apóstolo.

Meus caros confrades:

Amigos que foram, ligados pelos mais estreitos laços de cordial estima, em longos annos de convivência, quis Deus que Costa Ribeiro e D. Malan, cujas próprias datas natalícias coincidam, partissem, dentro do mesmo anno, com pequeno intervallo de cinco meses, para as regiões indevassáveis do Mystério Eterno.

Preiteando-lhes a memória querida, o Instituto Histórico inculca o seu exemplo luminoso de honradez e trabalho ás gerações porvindouras, que nelles verão, seguramente, dois nobres paradigmas de sadio e de profícuo patriotismo.